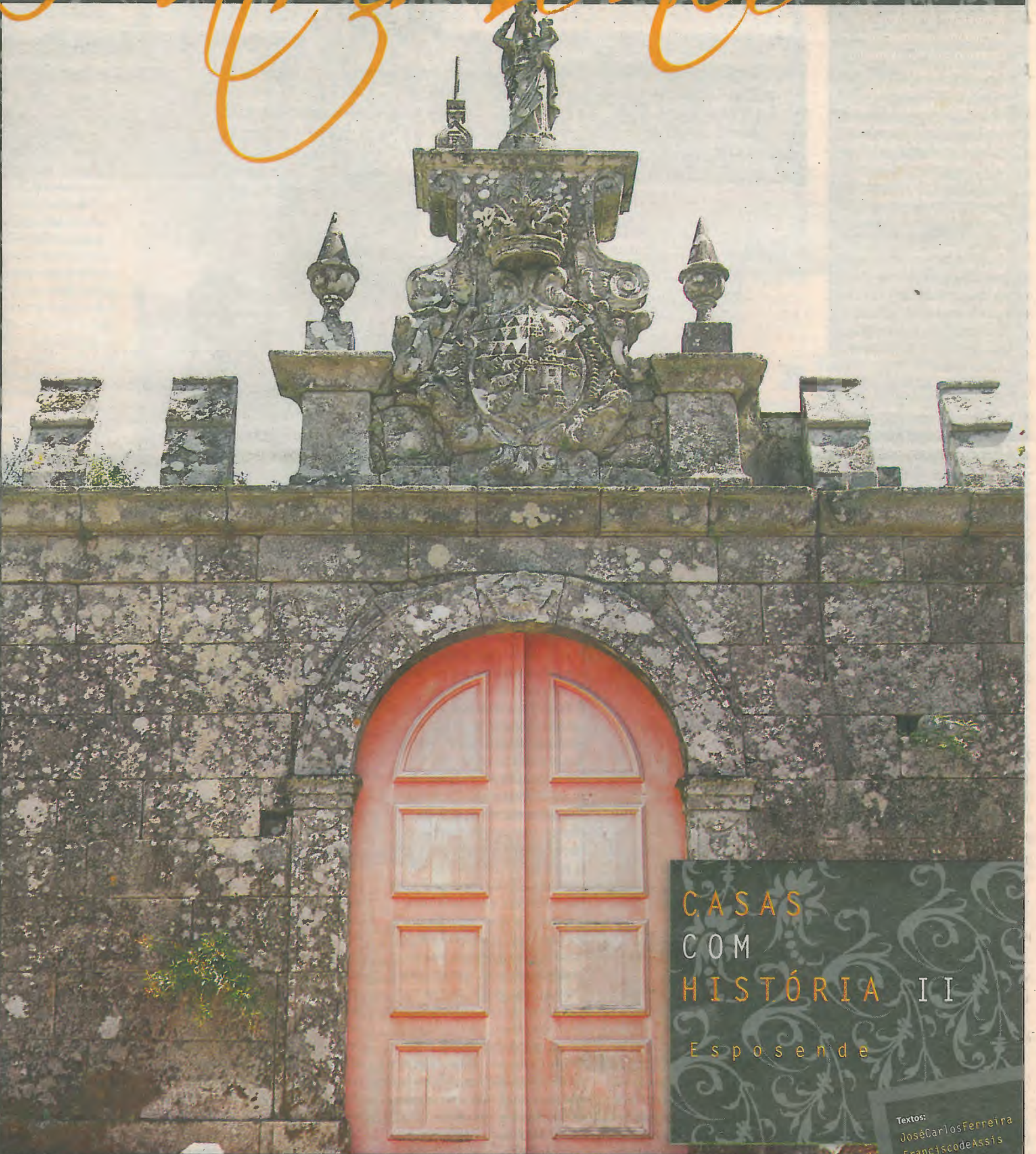


20 DE MAIO DE 2008
Diário do Vinho

Este suplemento faz parte da edição n.º 28122 de 2 de Maio de 2008, do jornal Diário do Vinho, não podendo ser vendido separadamente.

Património



CASAS
COM
HISTÓRIA II

Esposende

Textos:
José Carlos Ferreira
Francisco de Assis
Fotos:
Francisco de Assis



Introdução

Continuamos hoje com as Casas com História, a segunda e última edição sobre este tema. O nosso último suplemento de Esposende será na próxima semana na qual vamos falar de algumas personalidades que marcaram o concelho, nos mais variados campos do saber.

Nesta edição, dedicada às "Casas com História II", vamos falar de outras casas ou quintas que, pela sua arquitectura, pela sua história ou pelos seus proprietários, marcam ou marcaram a paisagem visual e a história de Esposende.

Assim, vamos abordar a Quinta de Pregais, na freguesia de Forjães, cuja história e origem remontam ao Condado Portucalense, isto é, antes da fundação da nacionalidade portuguesa; a Quinta de Belinho, do século XVI, na freguesia de S. Paio de Antas, cujo proprietário mais conhecido dos últimos anos foi o poeta António Corrêa de Oliveira. Outra casa brasonada com direito a uma página neste suplemento é a Casa do Filipe ou Quinta dos Filipes, do século XVIII, também na freguesia de São Paio de Antas. A casa está a ser remodelada. E, finalmente, a Quinta da Calça, do século XVIII, situada igualmente na freguesia de Forjães. O proprietário mais conhecido dos últimos anos foi o comendador Mendanha Arriscado.

Origem da Quinta de Pregais pode ser anterior à nacionalidade



> Cartela epigráfica que refere a pedra da torre construída em 1100 por D. Guterres

A Quinta de Pregais, também conhecida por Pedrogais, na freguesia de Forjães, terá sido fundada antes de 1143, ou seja, antes de Portugal se tornar uma nação independente, o que permite dizer que esta é uma das propriedades mais antigas do concelho de Esposende. Segundo uma inscrição existente no muro exterior deste solar, a Quinta de Pregais terá tido origem no século XII, mais precisamente em 1100, com a construção de uma torre, que caiu em 1600, feita por D. Guterres. Nessa inscrição, que está inserida no muro como um testemunho desse passado, pode ler-se "Pedra da antiga e privilegiada torre feita por D. Guterre no anno de 1100 e caída já no anno de 1600".

Na sua obra "Santa Marinha de Forjães - Memórias de uma Paróquia do Minho", Carlos A. Brochado de Almeida faz alusão a esta pedra de granito, referindo que, «se atentarmos numa inscrição cravada na face exterior do muro que defende o solar pelo nascente, a Quinta de Pregais remonta à fundação da nacionalidade, já que teria sido um tal Guterres, para alguns o fundador do mosteiro de Carvoeiro, quem teria erguido, no ano de 1100, uma torre que viria a ruir muito depois, por volta de 1600».

Para o historiador, o conteúdo desta inscrição tem de ser visto com alguma reserva. Brochado de Almeida não arrisca em afirmar que a Quinta de Pregais pertenceu mesmo a D. Guterres, salientando, no entanto, ser certo que esta propriedade, pelos documentos históricos conhecidos, já existia no século XIII.

«Se a quinta foi pertença do fundador do mosteiro de Carvoeiro, taxativamente não o podemos afirmar, mas podemos afirmar que documentalmente tal propriedade já existia no século XIII, pois vem descrita e referida como terra arada nas Inquirições que o rei D. Dinis mandou efectuar», sustenta. Por outro lado, acrescenta o historiador, «que a quinta era uma propriedade senhorial, também temos disso a comprovação, pois na mesma altura ela é descrita como sendo um paço». Assim, transcreve, pode ler-se nas Inquirições de D. Dinis: "achey no livro de Joham Cesar e no rol de Joham Dominguz que achara que soya entrar o poteyro mo paaço de Pedregaes y o moordomomo d'El Rey na aldeã e asy mandarom que entrasse hy".

Terá existido a torre?

Na opinião de Carlos A. Brochado de Almeida, outra dúvida que se coloca é se a torre a que se refere a

inscrição terá mesmo existido, uma vez que falta comprovação material e documental.

«No entanto, e tratando-se de uma quinta honrada, isto é, de uma casa senhorial, um paço, que até se dava ao luxo de impedir a fiscalização dos representantes locais do rei, é bem possível que tal torre existisse. Outras conseguiram chegar até à actualidade, em propriedades semelhantes documentadas em várias terras do Entre-Douro-e-Minho», realça o historiador.

Num artigo intitulado "Uma nota para a história do trovador João Velho e da sua Quinta de Pregais", publicado na revista "The Lion - Portugal", Manuel Albino Penteadado Neiva sustenta, por sua vez, que ao lado desta torre de carácter defensivo, «João Velho, trovador da corte de D. Dinis, construiu um solar, hoje designado por Quinta de Pregais». Segundo o historiador, «da construção primitiva pouco resta, unicamente os alicerces de uma possível torre e uma ou outra gárgula atestam o vetusto solar medieval», dando, de seguida uma descrição do antigo casario feita por Manuel de Boaventura.

Tendo em consideração o que Manuel de Boaventura escreveu no jornal "O Espozendense" em 1917, e transcrito por Penteadado Neiva, o solar tinha «um

encanto estranho», uma «configuração multiforme» e «uma originalidade tocante» a fazer «lembrar um remoto castelo feudal».

«A torre esguia como uma chaminé, fura os ares com as suas ameias toscas... tem três pavimentos [andares] enjanelados assimetricamente e seteiras... ao Sul, sobre os telhados da casaria, abrem-se no segundo pavimento duas amplas janelas geminadas em ogiva. Nas restantes frontarias há apenas uma janela também ogival em cada uma delas e todas no terceiro pavimento», acrescenta Manuel de Boaventura. Segundo Penteadado Neiva, nesta construção medieval, que desapareceu para dar lugar a um outro solar oitocentista, pertenceu «a João Velho de Pedrogais, que veio a ser avô de outro afamado trovador: Fernam velho, pai do navegador e descobridor da Terra Alta e dos Açores, Gonçalo Velho».

Para Brochado de Almeida, sem pôr em causa a ideia de Penteadado Neiva, parece ser pouco sustentável «a tradição que aponta o nascimento na quinta de Frei Gonçalo Velho, da estirpe dos Velhos de Viana do Castelo, descobridor da Terra Alta na costa africana e mais visionária ainda será a notícia de aqui, esporadicamente, ter pernoitado Nuno Álvares Pereira».

Actual solar de Pregais construído no século XVIII

O actual edifício da Quinta de Pregais é uma construção com características arquitectónicas do século XVIII bem expressas na fachada da sua capela, salientando-se no cimo do portão da entrada um brasão de armas datado de 1755. Isto mesmo é afirmado pelo historiador Carlos A. Brochado de Almeida no seu livro "Santa Marinha de Forjães – Memórias de uma Paróquia do Minho". Segundo explica, «independentemente da sua antiguidade, o actual edifício é uma construção em L, conjunto que denota uma filiação setecentista bem expressa, aliás, na fachada da capela que lhe está acoplada pelo lado Norte».

Ainda segundo o investigador, «se os elementos arquitectónicos não fossem tão explícitos, haveria ainda a provisão passada pelo Arcebispo de Braga [D. José de Bragança] em 1756 a Dom Diogo de Jesus Maria (clérigo) e seu irmão António José Maciel para que pudessem erigir e edificar, de novo, uma capela a Nossa Senhora do Rosário na sua Quinta de Pregais».

No que diz respeito a este conjunto patrimonial, a casa possui um amplo terreiro para o qual dá a sua escadaria principal adossada à parede. Estas escadas permitem o acesso a uma pequena varanda «lajeada e coberta com um telhado sustentado por uma colunata com capitéis de tipo dórico», afirma Carlos A. Brochado de Almeida.

No interior, acrescenta, «sobre o portão principal» encontra-se «um brasão com as armas dos Carneiros de Vila do Conde, família que, em 1916, vendeu a casa conjuntamente com a parte agrícola e de monte a António Rodrigues Alves de Faria». A casa, rebocada no exterior e pintada de branco, possui dois pisos, sendo o último andar destinado para a habitação dos seus proprietários. A partir do terreiro, explica o historiador, «existe, no ângulo interior do edifício, o acesso a este andar, através de uma escada de granito, de um só lance, com corrimão lavrado, que desemboca num balcão avançado e rusticado, aberto com dois arcos bem lançados no piso térreo». «Este balcão, sóbrio, adossado à fachada nascente, é abrigado por um telhado assente sobre elegantes colunas circulares e uma pilastra almofadada. Salienta-se aqui a porta principal, com austera moldura em granito, de recorte classizante e madeira almofadada cujo talhe denota o gosto setecentista», acrescenta.

Fachada voltada a poente

A fachada voltada a poente, por



> A Quinta de Pregais é um belo conjunto setecentista



> Pedra de armas dos Barbosas que encima o portão

sua vez, é descrita por Brochado de Almeida como sendo «sóbria, com pequenos postigos rectangulares ao nível da loja, aberta com três varandas e duas janelas no segundo piso». Nas traseiras destaca-se ainda a entrada para a cozinha. Sendo esta uma casa de lavoura, o historiador afirma que a quinta possui casas para os caseiros e uma eira cimentada, «que acompanha um antigo varandão, muito alterado e que não confere grande dignidade ao conjunto».

«As antigas casas dos caseiros foram, por sua vez, substituídas por outras de confecção mais recente e que perderam qualquer relação com o primitivo conjunto setecentista», acrescenta.

Outro pormenor salientado pelo autor de "Santa Marinha de Forjães – Memórias de uma Paróquia do Minho" é o «alto muro ameado» que fecha esta propriedade e «no

qual se abre um portão armorado coroadado pela pedra de armas dos Barbosas», datado de 1755.

«Com um exterior enobrecido pela pedra de armas dos Barbosas ladeada por volutas e cuminada por uma esfera onde assenta uma cruz, esta construção oferece à apreciação exterior um muro alto, rebocado, pontuado com ameias de uma água e sineira assente sobre plinto com volutas junto à fachada da capela», sustenta.

A sineira em granito, acrescenta o historiador, «rematada com frontão curvo interrompido, está coroadada com um remate de forma globular. Neste muro sobressai também a cartela com a inscrição que refere a torre construída em 1100 por D. Guterres. Aqui não passa despercebido a figura em granito de um meio corpo de homem, em posição horizontal, voltado para baixo, que segura o queixo com a



> Sineira em granito ao lado da capela

mão direita e tem a outra na cintura. Para Carlos A. Brochado de Almeida, trata-se de «um modilhão em forma de cara humana, resquício de uma construção românica

que remonta à primeira dinastia». Para além destes elementos, neste muro existe ainda uma segunda cartela, onde se pode ler "D. Diogo 1775".

ESCRITURA DA QUINTA FOI FEITA NO SÉCULO XVI

Casa de Belinho tem resistido aos séculos e à mão do homem

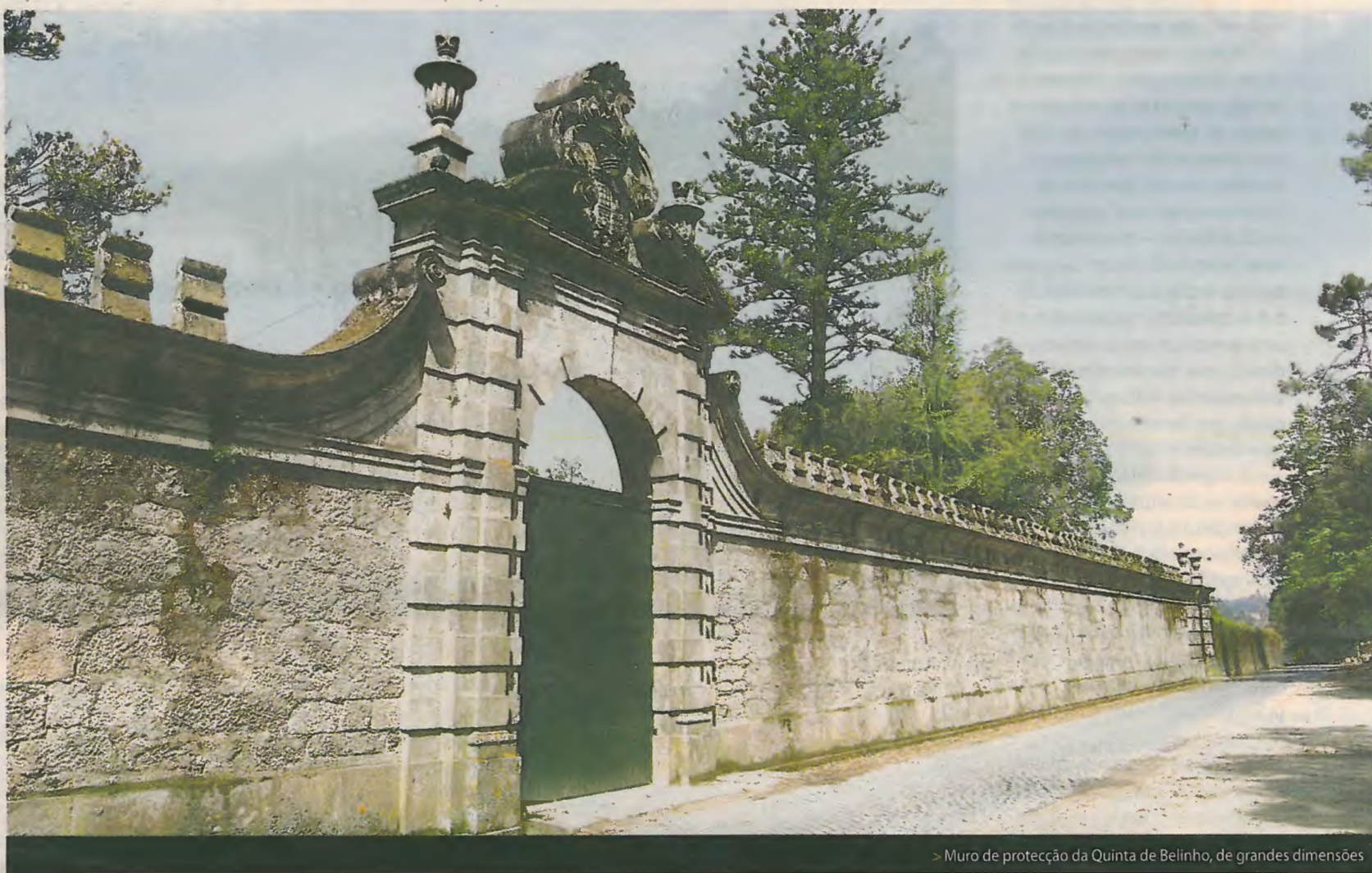
A Quinta de Belinho ou Casa de Belinho, fica situada na freguesia de Antas, apesar de ter nome da freguesia vizinha. Em 1999, quando Adélio Torres Neiva escreveu o livro "S. Paio de Antas, sua história, sua gente", dizia que a Casa de Belinho era a grande e praticamente única casa nobre em São Paio de Antas que resistiu ao tempo. Actualmente, a Quinta dos Filipes, também em São Paio de Antas, está a ser recuperada. Em relação à Quinta de Belinho, ousamos acrescentar que resistiu não só à passagem destruidora dos séculos, mas resistiu sobretudo, à mão do homem, muitas vezes mais pernicioso que o peso dos séculos, permanecendo, deste modo, com as principais características que fizeram dela uma distinta e nobre quinta. Sabe-se que não é fácil resistir ao apelo do modernismo, porque os custos de uma intervenção sem grandes cuidados para com a arquitectura do passado são consideravelmente mais baixos.

Segundo Adélio Torres Neiva, a mais antiga referência documental à Quinta de Belinho, pelo menos os documentos conhecidos e directamente relacionados com a propriedade, datam do ano de 1560. Trata-se da escritura de dote de casamento de D. Grácia de Faria com Paulo da Cunha e Sottomayor. Este casal já é nosso "conhecido", uma vez que falamos dele quando abordamos a capela de Nossa Senhora do Rosário, pertença da quinta.

De facto, Adélio Torres Neiva escreve na publicação "S. Paio de Antas, sua história, sua gente", que a casa teve origem no casamento de Paulo Cunha Sottomayor, da linhagem dos Cunhas, com D. Grácia de Faria, filha de Manuel de Faria, de Barcelos, feitor do mosteiro de São Romão do Neiva, administrador dos vínculos de Barreta e da Agrela, juiz dos Órfãos de Barcelos. Este dotou a filha, D. Grácia de Faria o assento da igreja matriz de S. Paio de Antas, que detinha por três vidas, a partir de 1563. Se a escritura é do terceiro quartel do século XVI, a origem dos ascendentes dos Cunha e Sottomayor remonta ao século XII. Ao longo dos séculos foram acumulando propriedades em vários pontos do norte do País, incluindo nas freguesias de Cunha e Aveleda, ambas em Braga.

Capela é um marco da casa de Belinho

Outro documento que atesta a



> Muro de protecção da Quinta de Belinho, de grandes dimensões



> Pedra de armas dos Cunha e Sottomayor, será de 1772



> A Casa de Belinho ganhou este formato em 1892

antiguidade da Casa de Belinho é a escritura pública para a construção da capela, uma tradição que ficava bem a qualquer família. Mas para se edificar uma capela, a Igreja exigia alguns requisitos, entre os quais bens que garantissem o seu bom funcionamento e conservação. Foi o que Paulo da Cunha e D. Grácia de Faria fizeram em 1592, legando terras para a fábrica da capela. No entanto, a vinculação da capela de Nossa Senhora do Rosário à Quinta de Belinho só foi consumada por escritura de 15 de Fevereiro de

1614, quando os senhores da casa «instituíram o morgado de Belinho, ao qual unem e vinculam a capela de Nossa Senhora do Rosário que fizeram na mesma quinta», escreve Adélio Torres Neiva. Recorde-se que a capela estava dentro da quinta. Entretanto, quando foi rasgada a estrada para a freguesia de Belinho, a casa e a capela ficaram separadas. Construiu-se um enorme muro de protecção da casa, enquanto que a capela ficou algo perdida no alto. Por serem as únicas com possibilida-

des de estudar, destas casas saíam os governantes, os juizes, militares de prestígio que, por isso, eram-lhes atribuído títulos nobiliários. Pode-se dizer que a Quinta de Belinho não foi excepção, tendo dado homens que serviram Esposende, a região e o país. Os irmãos do fundador da Casa, também conseguiram algum protagonismo nesta região e não só. O autor da obra "S. Paio de Antas, sua terra, sua gente" realça Pedro da Cunha, que foi membro do Conselho do Reino, gozando de grandes

prestígio junto ao rei. «Quando a 15 de Agosto de 1577, no reinado de D. Sebastião, se inquiriu sobre as conveniências de passar Esposende a vila, D. Pedro da Cunha aí se deslocou como chefe da alçada inquisidora. O seu parecer favorável foi decisivo para a passagem de Esposende a vila», refere Adélio Torres Neiva. Sebastião da Cunha Sottomayor foi outro "ilustre" que saiu dos descendentes da Casa de Belinho. Foi ele quem começou a construir o palacete onde funciona o Governo Civil de Viana.

QUINTA ESTÁ HÁ CINCO SÉCULOS NA MESMA FAMÍLIA

Intervenções nos séculos XVIII e XIX deram monumentalidade à casa de Belinho

Não há grandes descrições sobre a estrutura da Quinta de Belinho aquando da sua construção. Fala-se, apenas, em grandes propriedades que, como já vimos, incluía a capela da Senhora do Rosário. No entanto, é a partir das grandes intervenções nos séculos XVIII e XIX que a Casa vai ganhar maior monumentalidade e até "nobreza", com a colocação das pedras de armas da família. Adélio Torres Neiva fala dos acrescentos e modificações na casa ao longo de gerações, mas é no "século das luzes", com toda a influência do barroco que vão ser mais visíveis. «No século XVIII verificou-se uma das mais profundas da qual são ainda testemunho uma das pedras de armas e duas fontes joaninas. Da mesma época e autoria são a porta da capela, o seu corpo nascente e o altar e talha dourada», lê-se no livro "S. Paio de Antas, sua história sua gente". Em meados do terceiro quartel do século XVII, Manuel António da Cunha Sottomayor fez grandes intervenções na Casa de Belinho, com destaque para a construção do edifício anterior ao actual, obras concluídas em 1772. Nessa altura foi feito um escudo esquartelado que viria a perdurar até aos dias de hoje. De acordo com a mesma publicação, na segunda metade do século XIX, aconteceu uma nova e profunda intervenção, que marcam decisivamente o aspecto actual da casa, «bem como o conjunto monumental constituído pelo portão central com as armas da família, em granito lavrado, os muros ameados e dois portões laterais». No livro "Pedras de Armas e Armas

Tumulares do Distrito de Braga", editado em 1977, pela Junta Distrital de Braga, da autoria de Artur Vaz Osório da Nóbrega, lê-se que «o portão armoriado da Casa de Belinho foi mandado construir por D. Inácia Clara Máxima da Cunha e Sottomayor, tendo sido terminado em 1892». Em relação à heráldica, supracitada publicação refere que se trata de um escudo francês, coronel de nobreza, folhas de acanto rodeando o escudo, que é esquartelado com os apelidos Cunhas, no primeiro, Silva, no segundo, Faria no terceiro e Sottomayor no quarto quartel. Como se pode constatar estes quatro apelidos são dos primeiros proprietários da quinta. À entrada da capela está uma pequena pedra de armas da família.

Casa do poeta Corrêa de Oliveira

Aliás, é preciso dizer que, a Quinta de Belinho está há mais de cinco séculos na mesma família. No entanto, nos últimos anos, o nome do poeta António Corrêa de Oliveira sobressai mais do que o apelido ancestral Cunha e Sottomayor. Basta lembrar que a capela da casa é hoje conhecida também por capela do poeta Corrêa de Oliveira. O poeta entrou para a família por via de casamento com D. Maria Adelaide da Cunha Sottomayor, senhora da Casa e herdeira dos seus instituidores. Acabou por assumir um grande protagonismo pelo mérito dos seus trabalhos literários. No bem trabalhado alpendre da capela, onde está sepultado, terá escrito grande parte da sua magnífica obra literária. Já agora, a título



> Casa de Belinho, onde viveu o poeta Corrêa de Oliveira

de curiosidade, refira-se que esteve prestes a vencer um Prémio Nobel, em 1945, entretanto ganho por Gabriela Mistral. Na edição "Capelas II" revelamos algumas obras do poeta da Casa de Belinho. A obra de Artur Vaz Osório explica ainda que o escudo que está na cavaliça é uma cópia fiel da pedra de armas que encima o portão de entrada da Quinta dos Cunhas, em Santa Maria de Geraz do Lima». O que confirma a influência da família Cunha e Sottomayor um pouco por todo o Minho. No jardim está outro brasão que, ao que tudo indica, seria da antiga Casa de Belinho, entretanto demolida, ou

então do portão desta. As intervenções prosseguiram e, segundo Adélio Torres Neiva, no século passado, século XX, foi construída a ala norte, «a qual, respeitando a traça da Casa, nela se integrou, completando, e, de certa forma, harmonizando, todo o conjunto edificado».

A Quinta de Belinho é conhecida também pelo bom arquivo documental. Os investigadores realçam o acervo em geral da casa, que a torna num imóvel de verdadeiro interesse histórico e cultural. Hoje, é também um espaço para a realização de eventos festivos.



> A estrada separou a capela da Casa de Belinho



> Junto à capela está um pequeno brasão da Família Cunha e Sottomayor

QUINTA VELHA, EM ANTAS, ESTÁ A SER RESTAURADA

Brasão incrustado da Casa do Filipe destaca-se pela monumentalidade

Durante muitos anos, quem passava na estrada municipal, em S. Paio de Antas, lamentava o estado de degradação da "Quinta Velha", mormente pela monumentalidade do seu brasão de armas incrustado no portão. Felizmente, o imóvel, conhecido como Quinta do Filipe ou Casa dos Filipes, que marca a paisagem daquela localidade, está a ser recuperado, dentro dos possíveis, respeitando a traça primitiva. A fundação da casa é desconhecida. Supõe-se que os primeiros proprietários remontem ao século XVI, mas não foram encontrados dados que confirmam a tese. Adélio Torres Neiva faz saber no livro "S. Paio de Antas, sua história sua gente", que andou à procura de um pergaminho em que D. Sebastião teria concedido aos proprietários da Quinta do Filipe – ainda não se chamava assim – certos privilégios, «o que comprovaria a antiguidade desta família». Porém, não o encontrou.

Outros documentos por ele consultados não esclareceram a origem do imóvel e seus proprietários, principalmente antes do século XVIII. Assim, diz que para fazer a história da casa contou sobretudo com três elementos: «o brasão de armas incrustado que se encontra no portão do antigo solar, em frente das suas ruínas; o testamento de um dos seus mais remotos antepassados, Manuel da Cunha Leão Pinheiro, de 9 de Outubro de 1739, e a inscrição que assinala a morte de D. Diogo da Cunha naquele local em 1744».

Tudo indica que os Cunhas deste solar são os mesmos dos da vizinha Casa de Belinho, embora via Viana do Castelo. Presume-se que seja D. Sebastião da Cunha, o mesmo mandou construir o actual edifício do Governo Civil de Viana.

Aliás, a publicação "Pedras de Armas e Armas Tumulares do Distrito de Braga", editado em 1977, pela Junta Distrital de Braga, da autoria de Artur Vaz Osório da Nóbrega, explica que os brasões são semelhantes, além de o primeiro e o último quartel serem os mesmos, isto é Cunha e Faria. As restantes partes são Maciel e Lobato.

Senhora da Cabeça engrandece o portão

Torres Neiva explica que a origem do nome Filipes ou Filipe provém do facto de ter pertencido a Filipe da Cunha, filho de Manuel da Cunha Leão Pinheiro. Não tem nada a ver com os reis Filipes, de má memória para Portugal.



> Brasão monumental, com imagem da Senhora da Cabeça



> O proprietário procurou respeitar a história e arquitectura da Quinta



> Aspecto da Quinta do Filipe, antes do restauro

Esta quinta está perpetuada na literatura, nomeadamente no livro "O Solar dos Vermelhos", do escritor esposendense Manuel Boaventura. Há mais de um século que a quinta está nas mãos da mesma família. Actualmente é propriedade de Manuel António Viana. Não esconde o orgulho de ter uma casa dessas, assim como não nega as dificuldades para a manter. «A casa estava completamente degradada, quase

nem telhado tinha, as paredes, uma já estava em ruína. Já vivo nela e vou arranjando-a aos poucos», disse. Confirma que é difícil manter uma casa destas quando se quer respeitar o seu passado histórico e arquitectónico. Uma das dificuldades foi encontrar materiais adequados e técnicos competentes para o restauro. Ainda assim reconhece que teve sorte em encontrar uma equipa de pedreiros

qualificados que executaram bem o trabalho. A imagem da Senhora da Cabeça engrandece e enobrece o portão e a casa em geral. Apesar de ser uma imagem relativamente recente, pelo menos a sua colocação, enquadrar-se muito bem no restante brasão de armas e no portão. A imagem está com uma mão elevada à cabeça. Curiosamente, o menino que ela tem no colo também tem uma mão

na cabeça. Tanto Artur Vaz Osório como Torres Neiva confirmam que a imagem foi ali colocada em 1929, por Francisco Martins Viana, avô do actual proprietário da quinta, «que a mandou esculpir em cumprimento de um voto». Reproduz a imagem da mesma invocação que se venera em Freixeiro de Soutelo, em Viana do Castelo. Hoje, Manuel António Viana procura honrar a memória, a história e a arquitectura da Quinta do Filipe.

Quinta da Calça pertenceu à família Arriscado Mendanha

A Quinta da Calça, situada no lugar da Madorra, no extremo mais oriental da freguesia de Forjães, foi durante largos séculos da família Arriscado Mendanha. Segundo o autor de "Santa Mariinha de Forjães – Memórias de uma Paróquia do Minho", tendo em consideração os especialistas em genealogia, «os Mendanhas eram originários de Castela, de onde vieram em tempo de D. Afonso V». Segundo Carlos A. Brochado de Almeida, «foi este monarca que nomeou Pedro de Mendanha alcaide da vila de Barcelos, permitindo mais tarde que um membro desta família se aliasse matrimonialmente com os Arriscados do Porto, os mesmos que construíram o belo edifício que hoje é o Museu da Olaria de Barcelos». «Como apareceram ligados à Quinta da Calça é que não sabemos. Do que temos a certeza é que alguns descendentes desta união registavam-se como Mendanha Arriscado Benevides», acrescenta.

Contudo, a resposta a esta dúvida pode ser dada pelo historiador Manuel Albino Penteado Neiva, que estudou a ligação da Quinta da Calça ao vínculo de S. Francisco. Segundo escreveu, o primeiro Mendanha a entrar na família que instituiu a Quinta da Calça é Maria Isabel de Mendanha Benevides Cyrne que casou com Manuel da Costa Carvalho Borges de Vasconcelos, 12.º Morgado de São Francisco e 2.º Morgado da Casa de Nil.

Ainda segundo este historiador, o último Morgado de S. Francisco foi António de Mendanha Arriscado, senhor de várias terras, entre as quais a Quinta da Calça, e a Quinta dos Mendanhas, em Aldreu, no concelho de Barcelos. «Foi Cavaleiro-Fidalgo da Casa Real, por Alvará de 25 de Julho de 1862, Comendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, em 1865, e benfeitor do Asilo da Santa Casa da Misericórdia de Barcelos (1874), em cuja galeria existe um interessante retrato a óleo da sua esposa», acrescenta Penteado Neiva.

Sobre esta Quinta da Calça, Carlos A. Brochado de Almeida sustenta que esta é uma das propriedades cuja história está por fazer, «precisamente porque a mudança de proprietários não terá acautelado, devidamente, os arquivos desta casa». Segundo explica, a mais antiga referência documental relacionada com esta propriedade data de 1770, «altura em que António de Mendonça Benevides, residente na cidade de Braga, solicitava ao Arcebispo de Braga autorização para colocar um confessionário na capela que tinha "na sua quinta de Santa Mariinha"». Para o historiador, se o nome que



> A estrutura da casa da Quinta da Calça foi adulterada



> Pedra de armas da Casa dos Gayos

consta no documento se enquadra na família proprietária da quinta, mais problemático parece ser a referência a uma capela que terá existido. «Não temos notícia de alguma vez ter havido uma capela naquelas paragens. A ter existido perdeu-se na sua memória, tal como se alterou a estrutura da casa da quinta, na actualidade uma construção muito adulterada e que muito pouco conserva do seu anterior passado senhorial», afirma.

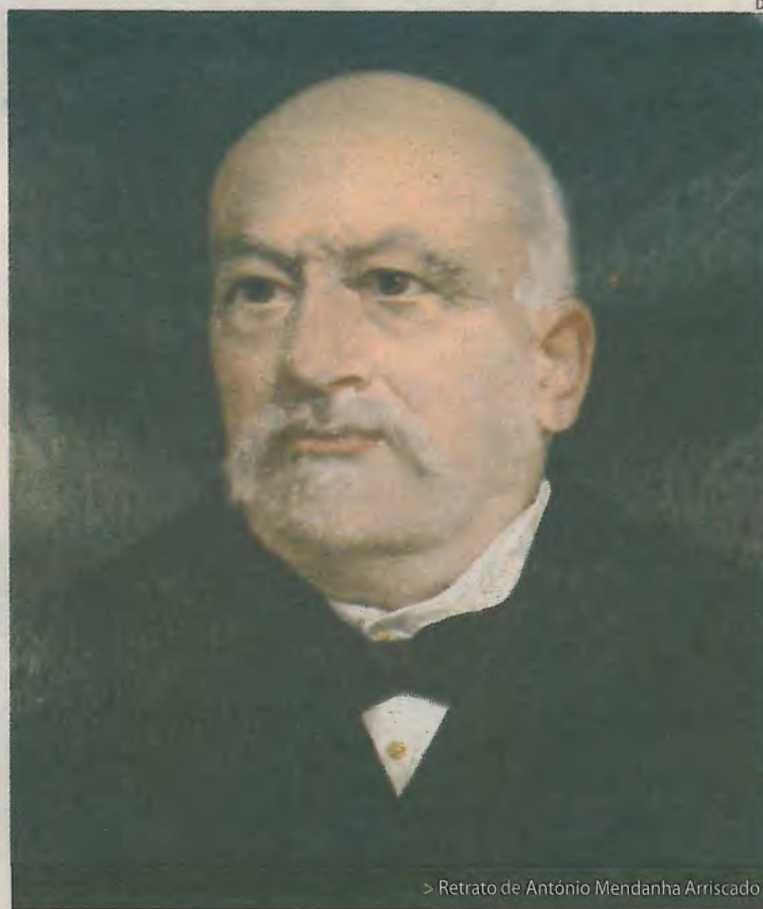
Contudo, Manuel Albino Penteado Neiva, num artigo publicado em Junho de 2002 no jornal "O Forjaneense" afirma que a Quinta da Calça possuía uma capela/oratório, tendo sido lá que se realizou em 1811 «o casamento de A. de Mendanha Be-

nevides.

O historiador sustenta ainda que esta quinta «terá passado da família Mendanha para Fernando Barreto Formigal, natural de Neves, Viana do Castelo, mas sem descendência». «Era essencialmente uma quinta de férias e, por promessa de venda deste, no ano de 1974, passou para António Champalimau», afirma, acrescentando que a Quinta da Calça foi adquirida em 1976 por David Tomás.

Casa dos Gayos

Na freguesia de Gemeses existe uma outra casa com história do concelho de Esposende, tratando-se da Casa dos Gayos. Este solar encontra-se quase que adossado, pela parte



> Retrato de António Mendanha Arriscado

Norte, à capela de Nossa Senhora do Lago, na Barca do Lago, mesmo junto à rampa das embarcações. Num dos cunhais está a pedra de armas, assente numa cartela decorativa, datadas do século XVIII, com os símbolos das famílias Vasconcelos, Gaio, Melo e Pereira.

Segundo Manuel Albino Penteado Neiva, no seu livro "Gemeses – Terra de Passagem", «esta casa pertenceu a José Machado Pães de Araújo Felgueiras Gayo, casado com sua prima Rosa Maria do Lago Felgueiras Gayo, que era senhora da Casa da Fervença, em Gilmonde».



> A capela da Quinta de Pregais é dedicada a Nossa Senhora do Rosário, tendo sido autorizada a sua reedificação pelo Arcebispo de Braga em 1756 aos então proprietários, o clérigo Dom Diogo de Jesus Maria e o seu irmão Antonio José Maciel



> Uma parte da Quinta dos Filipes foi cortada pela construção de uma estrada municipal. Esta separou o antigo portão da propriedade, onde se encontra a pedra de armas, de um outro portão mais recente e que se encontra agora coberto pela vegetação, passando despercebido a quem por ali passa



> No portão principal da Quinta de Belinho, cuja construção terminou em 1892, é possível admirar uma bela pedra de armas pertencente aos seus proprietários. Trata-se de uma composição esquartelada com as armas dos Cunha, Silva, Faria e Sotomayor



> A Casa dos Gayos, na freguesia de Gemeses, está situada mesmo ao lado da Capela de Nossa Senhora do Lago. Aqui viveu o casal que era senhor da Quinta da Torre, em Palmeira de Faro



> No muro exterior da Quinta de Pregais, em Forjães, existem duas cartelas com inscrições. Naquela que se encontra no extremo do lado esquerdo, para quem está virado para a porta de entrada, lê-se "D. Diogo 1755"



> O portão de entrada da Quinta dos Filipes possui uma pequena particularidade. Pelo lado de dentro existe uma pequena escada que permite aceder junto da imagem de Nossa Senhora da Cabeça